

Recursos de inferência lexical em L2

Alessandra Baldo

UFPel (Pelotas, Brasil)



RESUMO – Este artigo apresenta os resultados de um estudo sobre os recursos empregados para a realização de inferências lexicais por dezesseis sujeitos proficientes em leitura em L2, com base em Nassaji (2003). As principais questões sob investigação eram: (a) quais são as estratégias e as fontes de conhecimento utilizadas pelos leitores?; (b) há uma relação entre tipo de recurso utilizado e desempenho inferencial? A análise dos dados revelou que releitura e análise foram as estratégias preferenciais dos sujeitos, o mesmo valendo para as fontes de conhecimento discursivo e morfológico. Além disso, apesar de esses recursos terem sido empregados com eficácia na maioria dos casos, não foi possível estabelecer correlação entre tipos de estratégias e de fontes de conhecimento mais utilizados e desempenho inferencial dos sujeitos.

Palavras-chave: inferência lexical; estratégias; fontes de conhecimento; leitura em L2.

ABSTRACT – This article presents the main findings of a study on the resources employed to lexical inferencing by sixteen proficient readers of L2, based on Nassaji (2003). The main questions under scrutiny were: (a) what are the strategies and knowledge sources used by the participants?; (b) is there a correlation between resource type and lexical inferencing? Data analysis revealed that re-reading and analysis were the subjects' preferential strategies, the same holding true for discursive and morphological knowledge sources. Furthermore, despite the successful use of such resources, no correlation between them and lexical inferencing was found.

Keywords: lexical inferencing; strategies; knowledge sources; L2 reading.

Introdução

Quando se discute leitura em L2, o conhecimento das palavras presentes em um texto aponta sempre como a primeira condição necessária, ainda que não suficiente, e por isso esforços de pesquisa voltados à compreensão de como leitores de L2 chegam ao significado de palavras desconhecidas se revestem de uma relevância única. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é apresentar os resultados de um estudo sobre as estratégias e as fontes de conhecimento empregadas por dezesseis sujeitos proficientes em leitura em L2 nas suas tentativas de inferência lexical, cujos dois objetivos principais eram (a) identificar as estratégias e fontes de conhecimento utilizadas pelos sujeitos para a realização de inferências lexicais, a partir da classificação proposta por Nassaji (2003), e (b) apontar possíveis correlações entre uso de estratégias e de fontes de conhecimento e desempenho dos participantes em suas inferências lexicais.

O artigo é composto por seis sessões. Nas três primeiras – intituladas, respectivamente, Conhecimento de Vocabulário e Compreensão Leitora, Obstáculos para a Aquisição de Vocabulário em L2 e Inferência Lexical

em L2 – são apresentados os pressupostos teóricos que nortearam o estudo. Na quarta, a metodologia é descrita em detalhes, e na quinta procede-se a uma análise e discussão dos dados obtidos. Na sexta e última sessão são tecidas as considerações finais relativas aos resultados encontrados.

1 Conhecimento de vocabulário e compreensão leitora

Embora o conhecimento de vocabulário por si só não responda pela compreensão leitora, ele tem sido apontado por vários estudiosos como o principal preditor da leitura bem-sucedida. Para Grabe e Stoller, o conhecimento de vocabulário é destacado entre os três componentes essenciais que o leitor habilidoso em língua estrangeira deve apresentar, os outros dois sendo fluência em leitura e percentual de leituras realizadas (2002, p. 183). De modo similar, a importância do reconhecimento do vocabulário não somente para a aquisição da leitura e da escrita em L2, mas também para a aquisição da fala e da compreensão auditiva, é enfatizada na afirmação de Gass e Selinker de que “o léxico é provavelmente o componente mais

importante para os aprendizes” (1994, p. 270), e, ainda, na seguinte declaração de Vermeer:

Conhecer palavras é a chave para entender e ser entendido. A parte principal do aprendizado de uma nova língua consiste no aprendizado de novas palavras. O conhecimento gramatical não responde por um alto nível de proficiência em uma língua. (VERMEER, 2001, p. 219)

Para avaliar tais pontos de vista, há o resultado de vários estudos que tiveram como foco a relação entre conhecimento lexical e compreensão leitora, entre eles o de Anderson e Freebody (1981), Laufer (1991), Koda (1989), Coady et al. (1993) e Khodadady (2000). Ao procederem a uma revisão de estudos sobre os fatores que contribuem para a leitura, Anderson e Freebody (1981) verificaram que o conhecimento lexical era o preditor mais forte da compreensão leitora, mais do que as variáveis relativas à estrutura das sentenças, habilidade inferencial e habilidade para reconhecer as ideias principais de um texto.

Com relação à leitura em língua estrangeira, o estudo de Laufer (1991) apontou para correlações significativas entre dois testes de vocabulário e os escores de leitura de aprendizes de L2. Koda (1989) e Coady et al. (1993) também encontraram resultados semelhantes em seus trabalhos: enquanto o primeiro apontou para uma correlação alta entre um teste de vocabulário e duas medidas distintas de compreensão leitora, o teste *cloze* e a compreensão de parágrafos, o segundo mostrou, através de dois experimentos de natureza diversa, que um aumento da proficiência no vocabulário de alta frequência acarretou um aumento da proficiência em leitura.

Khodadady (2000), por sua vez, teve como objetivo identificar o tipo de vocabulário determinante para o sucesso em leitura, se o contextual – ou seja, relativo às palavras presentes em um determinado texto – ou o global – ou seja, não relacionado especificamente às palavras presentes em um dado texto. Para tanto, o autor correlacionou os escores nos testes de compreensão de vocabulário contextual, de vocabulário global e de compreensão leitora de 123 falantes nativos e de 64 falantes não nativos de inglês. A análise estatística revelou correlações significativas entre o teste de compreensão leitora e o teste de conhecimento de vocabulário contextual tanto para os falantes nativos como para os não nativos, sugerindo que este último é o fator determinante para a leitura bem-sucedida, tanto na L1 como na L2.

Levando-se em conta a inter-relação entre conhecimento lexical e desempenho em leitura, uma questão que tem preocupado estudiosos diz respeito à quantidade de palavras que um leitor deve conhecer a fim de ser capaz de compreender o que lê, especialmente tendo em mente a evidência de pesquisas mostrando que a deficiência mais significativa de leitores de L2 não é a

utilização inadequada de estratégias de leitura como conhecimento de mundo e análise sintática, mas sim o conhecimento limitado do vocabulário (LAUFER e SIM, 1985; HAYNES e BAKER, 1993). A maioria dos autores entende que, para que a compreensão textual ocorra, é necessário o conhecimento de 95 a 98% das palavras presentes em um texto (LAUFER, 1991; HAZENBERG e HULSTIJN, 1996; KODA, 2005), tanto para a leitura na L1 como para a leitura na L2.

No que diz respeito à leitura em língua estrangeira especificamente, a aquisição de três mil famílias de palavras – que correspondem, aproximadamente, a 5.000 itens lexicais – tem sido indicada como o número mínimo para que um leitor habilidoso em sua L1 consiga transferir suas estratégias de leitura para a L2 (LAUFER, 1997). Nesse contexto, o resultado da comparação feita por Hu e Nation (2000) entre os efeitos relativos à proporção das palavras conhecidas em um texto, com variações entre 80 a 100% de compreensão textual entre estudantes universitários que tinham o inglês como língua estrangeira, é bastante revelador: nenhum dos leitores que conhecia aproximadamente 80% do total de palavras do texto foi capaz de apreender seu significado, e somente alguns dos que conheciam 95% deste total alcançaram a compreensão textual, mas não a maioria.

Tais dados ilustram dois fatos interligados: a importância da aquisição de vocabulário para a compreensão leitora e a complexa tarefa de todo aprendiz de L2 que deseja se tornar um leitor habilidoso – ou seja, adquirir o maior número possível de palavras dentro do menor tempo possível. Diferentemente da aquisição lexical na L1, que se dá, na maioria das vezes, de modo incidental, o aprendiz de uma L2 necessita superar uma série de obstáculos nos seus esforços de aprender novas palavras, tornando o processo mais árduo e demorado, como veremos na seção a seguir.

2 Obstáculos para a aquisição de vocabulário na L2

Laufer (1997) classifica os problemas de compreensão que aprendizes de L2 encontram ao ler causados por questões lexicais em três categorias: palavras que não são conhecidas, palavras que parecem ser conhecidas, e, finalmente, palavras cujo significado não se consegue prever.

A primeira delas diz respeito à não familiaridade com os vocábulos de um texto, e está diretamente relacionada com o número mínimo de palavras que um leitor de L2 necessita conhecer para ser capaz de transferir as estratégias de leitura que emprega na sua L1, conforme discutido previamente. Quanto menos palavras puderem ser automaticamente reconhecidas pelo leitor, independentemente do contexto, mais capacidade cognitiva será usada para compreendê-las, e, como

consequência, a compreensão textual demandará maior esforço.

Na segunda categoria de dificuldades se encontram as palavras pseudofamiliares, ou seja, aquelas que o leitor julga conhecer, mas não conhece de fato. Laufer (op. cit.) as denomina de palavras enganosamente transparentes, pois estas, por darem a impressão de fornecerem indícios que levam ao seu significado, fazem com que o leitor não se aperceba que, de fato, não as conhece.

O autor as subdivide em cinco tipos diferentes. Vocábulos com uma estrutura morfológica enganadora, ou seja, os que parecem ser compostos por morfemas com significado, são englobados no primeiro tipo de palavras pseudofamiliares. Como exemplos, Laufer cita a tentativa de um leitor de inglês como L2 de separar a palavra *outline* em dois morfemas distintos, *out* e *line* – em português, fora e linha, respectivamente –, o que fez com que o significado atribuído a ela fosse “fora da linha”, e não *esboço*, o significado apropriado. No segundo tipo se encontram as expressões idiomáticas, quando traduzidas palavra por palavra pelo leitor, como, por exemplo, *sit on the fence*, em inglês. A tradução literal, e indesejada, trará para o leitor a ideia de sentar-se no muro, quando, na verdade, o significado diz respeito à falta de posicionamento claro de uma pessoa ou instituição em relação a uma questão determinada.

O terceiro caso de pseudofamiliaridade lexical é reservado para os falsos cognatos entre a L1 e a L2 do aprendiz, e se apresenta quando este parte do pressuposto de que se a forma da palavra na L2 se assemelha com a forma da palavra na L1, então o mesmo acontecerá com relação ao significado. Os exemplos fornecidos pelo autor são as frequentes traduções, por aprendizes de inglês que têm como L1 línguas românicas, de *sympathetic* e *novel* por simpático e novela, respectivamente, e não por *solidário* e *original*, que corresponderiam aos significados desejados.

Já as palavras polissêmicas ou homônimas compõem o quarto tipo de pseudofamiliaridade. Os problemas de compreensão lexical ocorrem, nesse caso, quando o aprendiz de L2 conhece somente um dos significados desse tipo de palavras, e fica relutante em abandoná-lo, mesmo quando este não é apropriado para o contexto. Como ilustração, Laufer cita a compreensão da palavra *state*, em inglês, com o significado de região pertencente a um país, e não de situação, e também a tradução de *abstract* como o oposto de não concreto, ao invés de resumo.

Finalmente, o quinto e maior caso de palavras aparentemente transparentes abarca os vocábulos com formas lexicais similares. Em alguns casos, a similaridade está no som (por exemplo, os pares *cute/acute* e *price/prize*, em inglês), e, em outros, está na morfologia (por exemplo, os pares *economic/economical* e *reduce/deduce*,

em inglês também). As dificuldades de compreensão lexical se dão aqui por motivos semelhantes aos encontrados para os casos das palavras polissêmicas ou homônimas: o aprendiz conhece o significado de somente uma das palavras similares, ou, ainda, ele conhece ambos, mas ficar em dúvida sobre qual deles é o adequado.

Além das palavras desconhecidas e das aparentemente conhecidas, ou pseudofamiliares, Laufer ainda prevê uma terceira categoria de palavras que se apresentam como empecilhos para a compreensão lexical de aprendizes de uma L2, ou seja, aquelas cujo significado não é possível prever. Ainda que ele declare que “prever o significado de palavras desconhecidas a partir de um dado contexto seja uma atividade valiosa, que de fato ocorre” (1997, p. 27), o autor faz a seguinte ressalva:

É difícil aceitar que a estratégia de prever em L2 seja de fato possível com a maioria das palavras desconhecidas e que a predição bem-sucedida dependa principalmente das estratégias de predição do leitor. Essa parece ser uma crença ingênua, dado que uma variedade de fatores irá interferir nas tentativas de predição do leitor (1997, p. 28).

Entre esses fatores, Laufer destaca quatro. O primeiro reside na possibilidade de não existirem indícios contextuais, já que considera o princípio básico de que o texto irá fornecer as pistas necessárias para o significado das palavras desconhecidas otimista demais. A fim de comprovar tal situação, relata os resultados dos estudos de Kelly (1990) e Bensoussan e Laufer (1984), nos quais a maioria das tentativas dos aprendizes de L2 de descobrir o significado das palavras pelo contexto foi ineficaz. Já o segundo fator mencionado diz respeito à impossibilidade de utilização dos indícios contextuais, e ocorre quando as dicas contextuais que podem levar ao significado correto das palavras novas também não são familiares para o leitor. Assim, pelo menos no que diz respeito ao leitor, os indícios na verdade não existem, já que não podem ser utilizados.

De acordo com o autor, os terceiro e quarto fatores que interferem na tentativa do leitor de se guiar pelo contexto a fim de descobrir o significado de novas palavras podem ser testemunhados, respectivamente, quando os indícios contextuais são parciais e enganadores, induzindo, assim, a uma predição incorreta, ou, ainda, suprimidos. Esse último caso acontece quando o leitor “desconsidera informação que, de acordo com sua visão de mundo, é irrelevante, acrescenta informação que, no seu entender, deveria estar lá e focaliza sua atenção no que, em sua opinião, é essencial” (1997, p. 29).

Considerando-se a natureza multifacetada dos três principais obstáculos que devem ser superados para a aquisição bem-sucedida de vocabulário na L2, de acordo com Laufer, como também a intrínseca relação entre conhecimento lexical e compreensão leitora, enfatizada

na seção precedente, a seção seguinte será reservada ao comentário sobre uma seleção de estudos que tiveram como foco as diferentes estratégias empregadas por aprendizes de L2 para adquirirem novos vocábulos, com ênfase na estratégia de inferência.

3 Inferência lexical em L2

Entre os vários recursos cognitivos utilizados por leitores de L2 para descobrir o significado de palavras desconhecidas, a inferência lexical tem sido apontada por vários estudos como o mais frequentemente empregado. A título de ilustração, temos os resultados das pesquisas de Fraser (1999), Paribakht e Wesche (1999), Cooper (1999) e Colares e Baldo (2008).

No estudo de Fraser (1999), por exemplo, os casos de uso de inferência corresponderam a 58% das estratégias empregadas por seus aprendizes adultos de L2, sendo que a segunda estratégia mais empregada, consulta a um dicionário, foi responsável por 39% das estratégias. Já Paribakht e Wesche (1999) encontraram um percentual ainda maior de emprego da estratégia ao investigarem como dez estudantes universitários de nível intermediário de inglês como L2 lidavam com as palavras desconhecidas de um texto: 80%. Os restantes 20% foram divididos entre duas outras estratégias, repetição da palavra em voz alta ou releitura e solicitação de assistência, tanto por meio de questionamento direto ao entrevistador como por meio de consulta ao dicionário.

Resultados semelhantes também foram testemunhados por Cooper (1999) e Colares e Baldo (2008). Ao analisar as estratégias de dezoito estudantes universitários aprendizes de inglês como L2 para descobrir o significado de vinte expressões idiomáticas de uso comum, Cooper concluiu que a inferência pelo contexto foi a mais empregada, com 28% do total. Além dessa, outras duas estratégias foram frequentemente utilizadas: análise do idioma, com 24% do total, e uso do significado literal, com 19%. Os aprendizes também se valeram de estratégias de outra natureza, mas de modo menos expressivo: enquanto a solicitação de informação foi responsável por 8% do total de estratégias, a paráfrase ou a repetição, a utilização de conhecimento prévio e o emprego da L1 tiveram, cada uma, 7% do total. Colares e Baldo (2008) também constataram que o uso do contexto foi o principal recurso adotado por seis estudantes de inglês como L2, três deles com nível básico e três deles com nível intermediário em leitura, para chegar ao significado de dez itens lexicais selecionados de um texto. Independentemente da proficiência em leitura na L2, o uso do contexto superou em mais de 50% a segunda estratégia mais empregada, recorrência a L1, ainda que tenha sido utilizada pelos leitores de nível intermediário com mais frequência do que pelos de nível básico. A eficácia do emprego da estratégia também não se deu de modo regular, com os leitores mais proficientes tendo

se beneficiado de um modo bastante mais significativo do que os menos proficientes: os primeiros a utilizaram dezenove vezes, com um total de treze acertos e de seis erros, e os últimos, treze vezes, com um total de dois acertos e onze erros.

O *status* de recurso frequentemente utilizado por aprendizes de L2 para o aprendizado de novas palavras fez com que novas questões relativas às inferências lexicais pelo contexto fossem levantadas, como, por exemplo, os fatores que têm um papel importante nas inferências bem-sucedidas, e a contribuição de diferentes estratégias e fontes de conhecimento para o sucesso das inferências lexicais.

Tanto os fatores de influência como as estratégias e fontes de conhecimento são de natureza variada. Entre os fatores que influenciam a eficácia do processo de inferência lexical, encontram-se a natureza da palavra e do texto que a contém, o tipo de informação disponível no texto, a importância da palavra para a compreensão textual, o grau de esforço cognitivo e mental envolvido na tarefa, e o grau de informação disponível no contexto mais próximo. Entre as estratégias, há as relacionadas à estrutura interna das palavras e seus componentes, a informações sobre as relações sintáticas e semânticas entre as palavras, e também a indícios discursivos e extratextuais (NASSAJI, 2003). Finalmente, entre as fontes de conhecimento, há o conhecimento gramatical, morfológico e fonológico, como também o conhecimento de mundo, da associação entre palavras e de cognatos. (BOT et al., 1997).

Com relação à contribuição das diferentes estratégias e fontes de conhecimento para o sucesso das inferências lexicais feitas por aprendizes de L2, cabe citar aqui o estudo de Nassaji (2003).¹ Interessado em descobrir o quanto bem-sucedidos 21 estudantes de nível intermediário em inglês como L2 seriam nas suas tentativas de inferência lexical pelo contexto a partir da leitura de um texto, o autor classificou as estratégias e as fontes de conhecimento por eles empregadas durante o processo inferencial, como também estabeleceu relações entre os tipos de estratégias e fontes de conhecimento empregados e a eficácia das inferências lexicais.

A análise dos protocolos verbais dos participantes revelou que, do total de 199 respostas, os aprendizes foram malsucedidos em 55,8% delas, sendo bem-sucedidos em 25,6% dos casos, e somente parcialmente bem-sucedidos nos 18,6% restantes. A análise individual de cada palavra sugeriu que o sucesso inferencial dos aprendizes estava relacionado com a forma física da

¹ Em Nassaji (2003, p. 655), estratégias são definidas como “atividades cognitivas ou metacognitivas conscientes que o leitor emprega para obter o controle ou resolver um problema sem nenhum apelo explícito a qualquer fonte de conhecimento como forma de auxílio”, as quais podem ser relativas ao conhecimento gramatical, morfológico, discursivo, de mundo ou da L1. Como será visto nas seções sobre a metodologia adotada neste estudo, a distinção proposta pelo autor foi mantida.

palavra e sua aparência, pois muitos dos estudantes que interpretaram erroneamente determinadas palavras as confundiram com outras de aparência similar, mas não relacionadas semanticamente. Além disso, dos cinco tipos de fontes de conhecimento identificados pelo autor – conhecimento gramatical, morfológico, discursivo, de mundo e da L1 – o mais utilizado foi o conhecimento de mundo (46,2%), seguido pelo conhecimento morfológico (26,9%). Dentre os seis tipos de estratégias previstos – repetição, verificação, analogia, monitoramento, autoquestionamento e analogia – a mais empregada foi a de repetição (63,7%), seja de repetição da palavra ou de repetição da seção do texto em que a palavra se encontrava. Todas as demais estratégias foram empregadas de modo muito menos sistemático, respondendo por menos do que 10% do total de ocorrências cada uma. Finalmente, no que diz respeito à relação entre fontes de conhecimento e estratégias e nível de sucesso inferencial, Nassaji encontrou que o conhecimento morfológico foi o mais importante para o sucesso inferencial, o mesmo valendo para as estratégias de verificação, autoquestionamento e repetição da seção na qual a palavra se encontrava. O autor ressalta, contudo, que embora algumas estratégias tenham sido mais relacionadas a tentativas de inferência lexical bem-sucedidas, a contribuição global dessas estratégias se deu de modo parcial e limitado.

Tendo como base esse estudo de Nassaji, na próxima seção será descrita a metodologia utilizada na pesquisa aqui descrita.

4 Metodologia

4.1 Sujeitos e instrumentos de pesquisa

Os dezesseis sujeitos da pesquisa foram selecionados entre alunos de pós-graduação em Letras de uma universidade localizada no Rio Grande do Sul, Brasil. Todos os participantes atuavam como professores de inglês – metade deles em escolas de línguas e a outra metade no ensino superior – e isso serviu como primeiro parâmetro para a medida da proficiência na língua estrangeira. Além desse critério, a proficiência dos sujeitos foi avaliada durante a aplicação do instrumento, já que o número mínimo de acertos deveria corresponder a 50% do total das questões.

Dois foram os instrumentos de pesquisa utilizados. O primeiro consistia de uma atividade de compreensão lexical, composta por quatro palavras retiradas de uma resenha publicada na edição de 24.01.2003 do jornal americano *The Philadelphia Inquirer* sobre o filme brasileiro Cidade de Deus, intitulada “*Rio Project, a most unholy City of God*”. O segundo instrumento foram os protocolos verbais dos sujeitos durante a realização da atividade, a partir dos quais foram inferidas as estratégias e as fontes de conhecimento por eles empregadas nas suas

respostas inferenciais aos itens propostos.²

A seleção dos vocábulos foi definida por dois especialistas em ensino de inglês como L2, levando em consideração o nível de proficiência dos participantes e o texto no qual estavam inseridos. Eles são exibidos no quadro 1, juntamente com o contexto imediato no qual aparecem no texto e a tradução para o português.

QUADRO 1 – Itens lexicais selecionados para a atividade de inferência

Item lexical	Contexto	Tradução
1. <i>partitioned</i>	Set in a Rio de Janeiro housing Project built in the 60s, partitioned by drug gangs in the 70s, and exploded into a full-blown war zone by the 80s, City of God is an epic docudrama – electric and raw.	O ato ou processo de dividir algo em partes
2. <i>docudrama</i>		Dramatização produzida para a televisão ou cinema, baseada em fatos reais
3. <i>hair-trigger temper</i>	The person Rocket most dreads is Li'l Zé (Leandro Firmino da Hora), whose hair-trigger temper and trigger-finger have cast a giant shadow over the City of God since both were children.	Temperamento explosivo, que responde a mínima provocação
4. <i>carve out</i>	... it has two characters with whom we can identify and empathize, who carve out a future in a place where tomorrow never comes.	Estabelecer ou criar algo a partir de um esforço muito grande

4.2 Procedimentos

Como recém mencionado, os sujeitos da pesquisa foram submetidos a uma atividade de inferência lexical, que iniciava com a realização de uma leitura silenciosa do texto, seguida das respostas aos itens lexicais pela técnica dos protocolos verbais, ou seja, os participantes eram solicitados a verbalizar seus pensamentos durante a atividade, a fim de o pesquisador poder inferir os processos cognitivos que estavam sendo empregados para sua realização.

Os instrumentos foram aplicados em sessões individuais com os participantes. Em primeiro lugar, era verificada a familiaridade do sujeito com a técnica dos protocolos verbais, através de um exemplo. Isso assegurado, os participantes liam silenciosamente o texto e passavam a responder às questões. As respostas eram gravadas, para posterior transcrição. Com base na transcrição dos dados, o pesquisador inferia as estratégias e as fontes de conhecimento empregadas pelos sujeitos para responder aos itens lexicais, como também a compatibilidade da resposta, conforme avaliação dos

² É importante destacar que os dados foram coletados para a tese de doutorado da autora, sobre estratégias de leitura na língua materna e na língua estrangeira (ver referências bibliográficas), e foram re-enfocados a fim de contemplar os objetivos definidos pelo estudo aqui apresentado.

especialistas, e esses novos dados eram então analisados a partir dos objetivos do estudo.

Foram descritos três níveis de adequação das inferências realizadas pelos sujeitos – apropriado (A), parcialmente apropriado (PA) e inapropriado (I) –, cada um deles correspondendo a quatro, dois e zero pontos. As estratégias e as fontes de conhecimento tiveram como base a classificação proposta pelo estudo de Nassaji (2003), descrito na seção precedente, com mo-

dificações efetuadas para contemplar os dados obtidos durante a aplicação dos instrumentos. Entre as estratégias possíveis, foram previstas as de repetição, releitura, verificação, autoquestionamento, análise, monitoramento, analogia e recuperação automática, e, entre as fontes de conhecimento, o conhecimento gramatical, morfológico, de mundo, discursivo e da L1, conforme definições apresentadas nos Quadros 2 e 3, respectivamente.

QUADRO 2 – Definição das estratégias

Estratégias	Definição
Releitura	Releitura da frase ou do parágrafo no qual a palavra ocorre
Repetição	Repetição da palavra a ser inferida
Verificação	Verificação da aceitabilidade do significado inferido por checagem no contexto mais amplo e no contexto textual.
Autoquestionamento	Realização de questões a si próprio, sobre texto, palavras ou significados já inferidos.
Análise	Tentativa de descobrir o significado da palavra pela análise de suas partes ou componentes.
Monitoramento	Exibição de consciência do problema ou da facilidade/dificuldade da tarefa.
Analogia	Tentativa de descobrir o significado de uma palavra com base na sua similaridade de som ou forma com outras palavras
Recuperação automática	Elaboração do significado da nova palavra a partir de recuperação automática das informações textuais (e/ou do conhecimento de mundo).

QUADRO 3 – Definição das fontes de conhecimento

Fonte de conhecimento	Definição
Conhecimento gramatical	Uso do conhecimento das funções gramaticais ou categorias sintáticas, como verbo, adjetivos ou advérbios.
Conhecimento morfológico	Uso do conhecimento da formação e da estrutura da palavra, incluindo derivações, flexões, raízes, sufixos e prefixos.
Conhecimento de mundo	Uso do conhecimento sobre o conteúdo ou o tópico que vai além do que está no texto.
Conhecimento discursivo	Uso do conhecimento sobre as relações entre e nas sentenças e os mecanismos que fazem ligações entre as diferentes partes do texto.
Conhecimento da L1	Tentativa de descobrir o significado da nova palavra traduzindo ou encontrando uma palavra similar na L1.

5 Análise e discussão dos dados

A fim de apresentar a análise dos dados obtidos, visando a responder aos dois objetivos principais delimitados pelo estudo – ou seja, identificação das estratégias e das fontes de conhecimento utilizadas pelos sujeitos durante suas tentativas de inferir o significado dos itens lexicais e averiguação de possíveis correlações entre uso desses recursos e desempenho inferencial – essa seção é subdividida em duas seções, cada uma correspondente a um dos objetivos propostos.

5.1 Estratégias e fontes de conhecimento utilizadas

O exame dos protocolos verbais dos participantes mostrou que as estratégias mais utilizadas, com mais de vinte ocorrências cada uma, foram releitura e análise, enquanto as menos utilizadas, com dez ocorrências ou menos cada uma, foram analogia, autoquestionamento e recuperação automática, conforme apresentado na Tabela 1 a seguir.

TABELA 1 – Estratégias inferenciais utilizadas nos itens lexicais

Item 1 <i>partitioned</i>	Item 2 <i>docudrama</i>	Item 3 <i>hair-trigger temper</i>	Item 4 <i>carve out</i>	Total
14 releitura	05 releitura	08 releitura	13 releitura	40 releitura
03 repetição	00 repetição	06 repetição	04 repetição	13 repetição
03 verificação	07 verificação	03 verificação	05 verificação	18 verificação
01 analogia	03 analogia	03 analogia	02 analogia	09 analogia
04 análise	08 análise	09 análise	01 análise	22 análise
04 monitoramento	00 monitoramento	03 monitoramento	03 monitoramento	10 monitoramento
03 autoquestionamento	00 autoquestionamento	02 autoquestionamento	01 autoquestionamento	06 autoquestionamento
00 recup. automática	03 recup. automática	01 recup. automática	00 recup. automática	04 recup. automática

Como se observa na Tabela 1, a estratégia de releitura teve um total de quarenta ocorrências ao longo da atividade de inferência lexical. Como o total do número de estratégias foi de 122, ela respondeu sozinha por 32,8% do total. A segunda estratégia mais utilizada pelos participantes foi a de análise, tendo sido usada 22 vezes durante as respostas aos itens de vocabulário pelos sujeitos. Assim, as tentativas de descobrir o significado da palavra pela análise de suas partes ou componentes corresponderam a 18% do total.

De outro modo, e como recém mencionado, as estratégias menos empregadas foram a de analogia – ou seja, tentativa de descobrir o significado de uma palavra com base na sua similaridade de som ou de forma com outras palavras – com nove ocorrências, correspondendo a 7,4% do total de 122 estratégias, autoquestionamento, com seis ocorrências, ou 5% do total, e recuperação automática, com quatro ocorrências, correspondentes a 3,4% do total de estratégias empregadas.

Comparando esses resultados com os encontrados por Nassaji (2003), previamente descritos, as diferenças são evidentes: enquanto nesse último a única estratégia com emprego significativo foi a de releitura, com mais de 60% do total de estratégias empregadas, no estudo aqui descrito foi verificada uma distribuição desse percentual entre as estratégias de releitura – que, de qualquer modo, também foi a mais empregada – e de análise. Uma possível explicação para tal fato pode ser encontrada no grau de proficiência em inglês como L2 dos sujeitos dos dois estudos, considerando que os participantes de Nassaji se situavam em um nível intermediário, enquanto os participantes deste estudo se situavam em um nível mais alto de proficiência. Por possuírem um maior conhecimento da L2, pode-se supor, dispunham de maiores chances de, juntamente com a releitura da frase ou do parágrafo no qual a palavra estava inserida, também lançar mão da análise das partes componentes da palavra a fim de inferirem seu significado, situação que parece não ter se apresentado de modo tão significativo aos aprendizes selecionados por Nassaji.

Com relação às fontes de conhecimento, os dados mostraram que as mais utilizadas, com vinte ocorrências ou mais ao longo da atividade lexical, foram as relativas ao conhecimento discursivo e morfológico, enquanto as referentes ao conhecimento de mundo, da L1 e gramatical foram as menos empregadas, todas com o número de ocorrências menor do que dez, conforme ilustrado na Tabela 2.

Tendo-se em consideração que foram empregadas 93 fontes de conhecimento distintas nas respostas aos itens lexicais propostos, as 51 ocorrências de conhecimento discursivo correspondem a 54,8% do total, e as 26 relativas ao conhecimento morfológico, a 27,9% do total.

As demais três fontes de conhecimento apresentaram um uso bem menos expressivo: no total, foram oito ocorrências para o uso do conhecimento de mundo, cinco ocorrências para o uso do conhecimento da L1, e três para o uso do conhecimento gramatical como forma de encontrar o significado das novas palavras. Em termos percentuais, do total das 93 ocorrências de fontes de conhecimento pelos sujeitos, o conhecimento de mundo foi responsável por 8,6%; o conhecimento da L1, por 5,4%; e o conhecimento gramatical, por 3,2%.

Três observações aparecem como relevantes aqui. A primeira diz respeito ao paralelismo entre as fontes de conhecimento mais frequentemente empregadas e as duas estratégias preferenciais dos participantes, ou seja, releitura e análise, fato que pode ser, em grande medida, considerado como coerente e, por isso, esperado. Nos casos em que os sujeitos optaram por empregar, em suas tentativas inferenciais, o conhecimento discursivo, ou seja, relativo às relações entre e nas sentenças e os mecanismos que fazem ligações entre as diferentes partes do texto, a estratégia de escolha não poderia ser outra além da releitura do contexto imediato no qual o item lexical em questão estava inserido. Seguindo a mesma linha de raciocínio, a opção dos participantes de recorrerem ao conhecimento morfológico da L2 – ou seja, baseado no conhecimento da formação e da estrutura da palavra, incluindo derivações, flexões, raízes, sufixos e prefixos – para as respostas aos itens de vocabulário deveria, para ser bem-sucedida, vir acompanhada pela estratégia de análise.

Uma segunda observação que parece pertinente é relativa ao desencontro entre a fonte de conhecimento que teve um número maior de ocorrências entre os participantes do estudo de Nassaji, e a identificada no estudo aqui descrito: enquanto no primeiro o conhecimento de mundo foi responsável por 46,2% do total das fontes de conhecimento adotadas pelos sujeitos avaliados, neste estudo foi o conhecimento discursivo quem respondeu pelo maior percentual de ocorrências, 54,8%. Parece sensato pensar que uma das possíveis explicações para essa diferença reside no mesmo fato utilizado anteriormente para justificar os diferentes

TABELA 2 – Fontes de conhecimento utilizadas nos itens lexicais

Item 1 Partitioned	Item 2 Docudrama	Item 3 hair-trigger temper	Item 4 carve out	Total
14 discursivo	07 discursivo	14 discursivo	16 discursivo	51 discursivo
07 morfológico	10 morfológico	08 morfológico	01 morfológico	26 morfológico
04 de mundo	01 de mundo	02 de mundo	01 de mundo	08 de mundo
02 da L1	02 da L1	01 da L1	00 da L1	05 da L1
00 gramatical	00 gramatical	01 gramatical	02 gramatical	03 gramatical

percentuais de uso das estratégias de inferência lexical nos dois estudos, ou seja, o nível de proficiência na L2 dos dois grupos de sujeitos. Enquanto os participantes desta pesquisa, muito provavelmente devido a um conhecimento mais sólido da L2, foram capazes de se valer dos indícios contextuais oferecidos pelo contexto para as inferências lexicais com maior propriedade, os de Nassaji, devido a um conhecimento menor da L2, podem ter se vistos compelidos a abrir mão desse recurso, o substituindo, assim, pela fonte de conhecimento mais geral – e, por isso, menos precisa – disponível, a de mundo, para as respostas inferenciais. Nesse contexto, é interessante notar que, entre os sujeitos proficientes em L2 aqui analisados, esse tipo de conhecimento foi ativado de modo bem menos expressivo, com um total de 8,6% do total de ocorrências.³

Finalmente, uma terceira observação que merece nota diz respeito à utilização eficaz das estratégias e das fontes de conhecimento pelos sujeitos deste estudo, como se pode confirmar pelos escores por eles obtidos, dispostos na Tabela 3.

TABELA 3 – Escores na atividade de inferência lexical

Sujeitos	Escores	Adequação das Respostas
01	12	3 A; 1 I
02	12	3 A; 1 I
03	14	3 A; 1 PA
04	12	3 A; 1 I
05	16	4 A
06	12	3 A; 1 I
07	08	2 A; 2 I
08	16	4 A
09	12	3 A; 1 I
10	16	4 A
11	08	2 A; 2 I
12	16	4 A
13	12	3 A; 1 I
14	16	4 A
15	16	4 A
16	16	4 A

Retomando brevemente a explicação sobre a metodologia da pesquisa (ver seção 4), três níveis de adequação das respostas inferenciais foram considerados: A, apropriado; PA, parcialmente apropriado; I, inapropriado. O valor atribuído a cada um desses níveis foi quatro, dois e zero pontos, respectivamente. Como a atividade de inferência lexical constava de quatro itens de vocabulário, o escore máximo que poderia ser obtido era de dezesseis pontos, e o mínimo, neste estudo, oito, já que um dos

³ Cabe notar ainda, com relação a comparações entre os dois estudos, um resultado comum no que diz respeito à segunda fonte de conhecimento mais empregada pelos sujeitos, ou seja, a relacionada ao conhecimento morfológico. Os percentuais de uso foram bastante similares – 26,9% em Nassaji (2003), e 27,9% na pesquisa aqui descrita –, situação que evidencia a importância do conhecimento da estrutura da L2 para as inferências lexicais.

critérios para avaliar a proficiência em leitura na L2 dos participantes era um número de acertos equivalente ou superior a 50% do total.

Assim, conforme os dados da Tabela 3, das 64 respostas fornecidas pelos sujeitos, 53 foram consideradas apropriadas, correspondentes a 82,8% do total, com somente nove delas tendo sido classificadas como inapropriadas e parcialmente apropriadas, equivalendo a 17,1% do total.

Com base nessas informações, podemos chegar a duas conclusões principais. A primeira delas é a de que o alto percentual de inferências lexicais corretas condiz com o nível de proficiência dos sujeitos, mostrando que, apesar de se tratar de palavras desconhecidas, estes foram capazes de utilizar o contexto de modo eficaz, através do emprego frequente da estratégia de releitura e do conhecimento discursivo, como também do próprio conhecimento da estrutura da L2, pelo uso constante da estratégia de análise e do conhecimento morfológico, conforme recém visto.

A segunda conclusão diz respeito à diferença entre o uso bem-sucedido do contexto como recurso para as inferências lexicais, verificado entre os sujeitos deste estudo, e o resultado de outros estudos que avaliaram aprendizes que possuíam uma proficiência mais limitada da L2, os quais identificaram uma eficácia limitada do contexto nas respostas inferenciais (BENSOUSSAN e LAUFER, 1984; KELLY, 1990; NASSAJI, 2003; COLARES e BALDO, 2008, conforme seção 3). A explicação aqui parece estar fundamentalmente não na utilização mais ou menos frequente desse recurso pelos dois grupos de sujeitos, mas no tipo de contexto que se apresenta para os com menor conhecimento da L2, ou seja, com indícios limitados ou indisponíveis, como enfatizado por Laufer (1997), que acabam levando a um equívoco na interpretação do significado do item lexical, e não com indícios ricos e valiosos que contribuem positivamente para a eficácia da inferência.

5.2 Recursos utilizados e desempenho nas inferências lexicais

Para a averiguação de possíveis correlações significativas entre as estratégias e as fontes de conhecimento empregadas pelos sujeitos e seus desempenhos nas inferências lexicais, testes de correlação de Pearson foram realizados entre as duas estratégias – ou seja, releitura e análise – e as duas fontes de conhecimento – ou seja, discursivo e morfológico – mais utilizadas pelos participantes e os escores obtidos na atividade de inferência de vocabulário.

Ainda que a maioria das respostas inferenciais aos itens lexicais tenha sido apropriada, como apresentado na seção anterior, o resultado dos testes mostrou que os escores na atividade de inferência lexical (IL) não se

correlacionaram significativamente com qualquer uma das duas estratégias mais frequentemente empregadas pelos participantes. Ambas as correlações, na verdade, foram bastante baixas, a de releitura sendo de .132, e a de análise, de .208, como exposto no Quadro 4.

QUADRO 4 – Correlações entre escores e estratégias mais utilizadas

	Releitura	Análise
Escore IL Correl. Pearson	.132	.208
Sig. Bilateral	.627	.439
N. Sujeitos	16	16

De modo semelhante, também não foram verificadas correlações significativas entre os escores dos participantes e as duas fontes de conhecimento mais utilizadas durante a atividade de inferência lexical. A exemplo do que foi verificado com relação às estratégias, as correlações foram baixas, como ilustrado no Quadro 5: .194 para a fonte de conhecimento discursivo, e .317 para a fonte de conhecimento morfológico.

QUADRO 5 – Correlações entre escores e fontes de conhecimento mais utilizadas

	Conhecimento Discursivo	Conhecimento morfológico
Escore IL Correl. Pearson	.194	.317
Sig. Bilateral	.471	.231
N. Sujeitos	16	16

Cabe salientar aqui que esse resultado difere, em certa extensão, de Nassaji (2003), que encontrou correlações significativas entre nível de sucesso das inferências lexicais e estratégias e fontes de conhecimento empregadas (ver seção 3). No entanto, a partir de uma avaliação mais geral dos dados, a conclusão final do autor foi de que, apesar de certas estratégias terem sido mais relacionadas a inferências bem-sucedidas do que outras, “a contribuição global delas foi parcial e limitada” (2003, p. 662).

Tal conclusão levou Nassaji a sugerir que a eficácia nas inferências lexicais dos sujeitos pode “não depender somente do uso de determinadas estratégias”, mas também da medida em que esse uso é “combinado e coordenado com outras fontes de informação, intra e intertextuais” (2003, p. 662).

O que importa, assim, parece ser o modo como esses recursos são empregados, e não a frequência, proposição já comprovada pela pesquisa de Anderson (1991) sobre estratégias de leitura na L2, entre elas inferenciais, e agora ratificada por este estudo, com base na ausência de correlações significativas entre uso de estratégias e de fontes de conhecimento mais utilizadas e desempenho nas inferências lexicais.

Considerações Finais

A proposta deste artigo, conforme estabelecida na seção inicial, foi de apresentar os resultados de uma pesquisa que investigou os recursos – subdivididos entre estratégias e fontes de conhecimento – cognitivos utilizados nas inferências lexicais feitas por dezesseis leitores proficientes de inglês como L2, e que tinha como objetivos primeiros identificar quais desses recursos seriam mais adotados pelos sujeitos, como também possíveis correlações entre tais recursos e desempenho inferencial, com base em Nassaji (2003).

A partir dos dados obtidos, através da aplicação de um teste de inferência lexical pela técnica dos protocolos verbais, foi possível verificar que as estratégias de releitura e análise, como também as fontes de conhecimento discursivo e morfológico, foram as mais frequentemente empregadas. Além disso, não foram encontradas correlações significativas entre o uso desses recursos e o nível de sucesso inferencial dos participantes.

As principais conclusões deste estudo, de acordo com os achados de pesquisa e da comparação destes com estudos previamente realizados, foram duas. A primeira é relativa à eficácia do uso do contexto como recurso para a inferência lexical, desde que acompanhado por um conhecimento sólido da estrutura da L2, e a segunda diz respeito à dificuldade de classificar determinadas estratégias inferenciais como mais eficazes do que outras, dada a variedade de outros fatores que influenciam no desempenho inferencial em L2. Ainda que tais conclusões devam ser avaliadas com cautela e não possam ser generalizadas, dada a natureza qualitativa do estudo aqui descrito, espera-se que elas contribuam para o debate acerca de como aprendizes de L2 de diferentes níveis de proficiência inferem o significado de palavras desconhecidas, já que, como previamente enfatizado aqui, a aquisição do léxico é uma das etapas fundamentais para o sucesso na aquisição de uma língua estrangeira.

Referências

- ANDERSON, N. J. Individual differences in strategy use in second language reading and testing. *The Modern Language Journal*, v. 75, p. 460-72, 1991.
- ANDERSON, R.C.; FREEBODY, P. Vocabulary and knowledge. In: GUTRIE, J. T. *Comprehension and Teaching: research review*. Newark, DE: International Reading Association, 1981.
- BALDO, A. *Estratégias de Leitura na Língua Materna e na Língua Estrangeira*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Não publicada.
- BENSOUSSAN, M.; LAUFER, B. Lexical guessing in context in EFL reading comprehension. *Journal of Research in Reading*, v. 7, p. 15-32, 1984.

- COADY, J. et al. High frequency vocabulary and reading proficiency in ESL readers. In: T. HUCKIN, T.; HAYNES, M.; COADY, J. (Ed.). *Second language reading and vocabulary learning*. Norwood: NJ, Ablex, 1993. p. 217-226.
- COLARES, C.; BALDO, A. *Estratégias de inferência lexical de aprendizes de inglês como L2*. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, 2008. Não publicado.
- COOPER, T. C. Processing of idioms by L2 learners of English. *TESOL Quarterly*, 33, p. 233-262, 1999.
- De BOT, K. et al. Toward a lexical processing model for the study of second language vocabulary acquisition: evidence from ESL reading. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 19, p. 309-319, 1997.
- FRASER, C. A. Lexical processing strategy use and vocabulary learning through reading. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 21, p. 225-241, 1999.
- GASS, S.; SELINKER, L. *Second Language Acquisition: an introductory course*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1994.
- GRABE, W.; STOLLER, F. *Teaching and researching reading in L2*. Grã-Bretanha: Longman, 2002.
- HAZENBERG, S.; HULSTIJN, J. Defining a minimal receptive second language vocabulary for non-native university students: an empirical investigation. *Applied Linguistics*, v. 17, n. 1, 1996.
- HAYNES, M.; BAKER, I. American and Chinese readers learning from lexical familiarization in English texts. In: HUCKIN, T.; HAYNES, M.; COADY, J. (Ed.). *Second Language Reading and Vocabulary Acquisition*. Norwood, NJ: Ablex, p. 130-152, 1993.
- HU, M.; NATION, I.S.P. Unknown vocabulary density and reading comprehension. *Reading in a foreign language*, 13, 2000. p. 403-430.
- KELLY, P. Guessing: no substitute for systematic learning of lexis. *System*, v. 18, p. 199-207, 1990.
- KHODADADY, E. Contextual vocabulary knowledge: the best predictor of native and non-native speaker's reading comprehension ability. *The Specialist*, v. 21, n. 2, p. 181-205, 2000.
- KODA, K. The effects of transferred vocabulary knowledge on the development of L2 reading proficiency. *Foreign Language Annals*, v. 22, p. 529-540, 1989.
- KODA, K. *Insights into Second Language Reading*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LAUFER, B. How much lexis is necessary for reading comprehension? In: ARNAULD, P. J. L.; Bejoint H. (Ed.). *Vocabulary and applied linguistics*. Basingstoke: MacMillan, 1991. p. 126-132.
- LAUFER, B. The lexical plight in second language reading. In: COADY J.; HUCKIN T. (Ed.). *Second Language Vocabulary Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 20-34.
- LAUFER, B.; SIM, D. D. Taking the easy way out: non-use and misuse of contextual clues in EFL reading comprehension. *English Teaching Forum*, v. 23, p. 7-10, 1985.
- NASSAJI, H. L2 vocabulary learning from context: strategies, knowledge sources and their relationship with success in L2 lexical inferencing. *TESOL Quarterly*, v. 27, n. 4, 2003.
- PARIBAKHT, S.; WESCHE, M. Reading and incidental L2 vocabulary acquisition: an introspective study of lexical inferencing. *Studies in Second Language Acquisition*, 21, p. 195-224, 1999.
- RICKEY, C. Rio Project, a most unholy city of God. *The Philadelphia Inquirer*. Philadelphia: 25 de Janeiro de 2003.
- VERMEER, A. Breadth and depth of vocabulary in relation to L1/L2 acquisition and frequency of input. *Applied Psycholinguistics*, v. 22, p. 217-234, 2001.

Recebido: 14/11/2008

Aprovado: 28/04/2009

Contato: <lelabaldo@terra.com.br>